

Informe Econômico

Pelo menos duas das empresas multinacionais que estão combatendo na linha de frente da campanha para alterar decisões da Constituinte, a Shell e a Brascan, garantem em conversas de seus dirigentes que, críticas à parte, estão no Brasil para ficar. "Não estamos achando que virá uma catástrofe e que por isto o melhor é ir embora. Apenas estamos alertando que a situação poderá ser pior com estas normas", afirma Robert Broughton, da Shell.

A campanha que as multinacionais estão desenvolvendo parte do princípio de que as empresas estiveram por tempo demais investindo no estilo *low profile*. Estaria na hora de sair da toca e divulgar informações que combatam a cultura antimultinacional que na opinião desses executivos continua em vigor no país. "Quando meus filhos entraram para a universidade eu precisei me esforçar para explicar que era executivo de multinacional, mas um homem de bem", brinca Roberto Cezar de Andrade, da Brascan.



E as multinacionais vão para o ataque tornando públicas algumas informações, como a de que as empresas estrangeiras pagam um terço dos impostos recolhidos no Brasil, representam um quarto da economia brasileira e são responsáveis por 51% dos investimentos em capital de risco no Brasil na área de mineração. "Queremos mostrar que a nós interessa que o Brasil prospere, porque só assim cresceremos", diz Broughton. O presidente da Xerox, Henrique Sérgio Gregori, que também se engajou na ofensiva, acha que as pessoas que se assustaram inicialmente com a maneira ostensiva da campanha já estão se acostumando com o